

“Na Terra do Outro”: presença e invisibilidade de
estudantes africanos no Brasil, hoje*

NEUSA MARIA MENDES DE GUSMÃO
Unicamp

Resumo: A diáspora africana vivida por estudantes que se dirigem ao Brasil, originários dos PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Angola, Moçambique, Cabo-Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe) é o tema em discussão. São jovens que compartilham um processo migratório com finalidade de estudos e formação e que vivem a experiência de estar *fora de lugar* em um país estrangeiro. Em jogo seus patrimônios sociais e culturais constituídos pela memória familiar e coletiva que toma por base o mundo africano e o contexto migratório. O trabalho fala de jovens universitários que vivem em repúblicas e em moradias estudantis na região de Campinas e em Belo Horizonte e em Fortaleza. Discute-se aqui o que os caracteriza em termos de uma *africanidade* e de uma *negritude* construídas a partir de seus deslocamentos e suas histórias particulares que revelam a história mais geral do povo negro, africano e estrangeiro na *terra dos outros*.

Palavras-Chave: Jovens africanos; Estudantes; Diáspora.

Abstract: The African diaspora experienced by students who go to Brazil, coming from the PALOP - Portuguese Speaking African Countries – (Angola, Mozambique, Cape Verde, Guinea-Bissau and Sao Tome and Principe) is the theme in discussion. They are young people who share this diaspora with the purpose of studying and academic training and besides, they experience feeling themselves "displaced" on a foreign country. At stake, their social and cultural patrimony constituted by family and collective memory, based on the African world and the migratory context. This paper focuses on young University students living in shared apartments and student boards in Campinas, Belo Horizonte, and Fortaleza. The main point in discussion is what characterizes them in terms of an *africanity* and *negritude* built with their moving, and their private stories which reveal a more general history of the black, African and foreign people in the “land of others”.

Keywords: African youth; Students; Diaspora.

Apresentação

O momento de globalização que altera as relações sociais e econômicas no mundo como um todo faz crescer a imigração africana dos PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – para o Brasil.¹ Temporária ou não, tal imigração vem assumindo uma dimensão e realidade que está a exigir investigações consistentes e orientadas ao que é ainda, uma *realidade invisível* no contexto brasileiro. Apesar disso e, talvez, por isso, estudantes africanos que aqui estão vêm produzindo, ainda de modo parcial, estudos sobre a experiência de *estar fora de seu lugar*, fora da terra própria e de estar em espaços acadêmicos de universidades públicas e privadas que os acolhem em terras brasileiras. O que dizem esses trabalhos revela uma face pouco conhecida das relações com o *outro*, o brasileiro que se pensa branco e, muitas vezes, superior, em razão do desconhecimento do que seja a África hoje e, muitas vezes, em razão do preconceito, da discriminação, do racismo que prolifera no tecido social de nossa nação.

O presente trabalho discute as formas e abordagens utilizadas para tornar visível o invisível e fazer dos sentimentos e emoções do chamado outro, um espelho para compreensão não apenas do outro e seu mundo, mas, de nós, os brasileiros.

Entre Nós, Eles, os Africanos

Os processos de formação de quadros de nível superior e de políticas entre países diversos colocam em mobilidade jovens africanos de diferentes nacionalidades e origens que buscam formação acadêmica, qualificação profissional e se beneficiam dos acordos bilaterais entre países. No caso do Brasil e dos Palop, os intercâmbios culturais e suas políticas têm definido a esses sujeitos genericamente como *estudantes convênio*.² Compreender suas *realidades em trânsito* (MOURÃO, 2003) coloca em jogo suas vivências, experiências, sentimentos, valores, mas também expõe a fragilidade de teorias e conceitos de campos de conhecimento diversos e com temas já tratados num universo de estudos mais tradicionais como é o caso dos estudos de imigração e imigração internacional. Polêmicas à parte, o fato atual e crescente de estudantes africanos na Europa, nos Estados Unidos da

América e, em número cada vez maior, em países em desenvolvimento, como o Brasil, revela a natureza contemporânea desses fluxos e os muitos problemas e dificuldades que suscita, do lado de cá e do lado de lá do Atlântico, a presença dos que migram para viver, mesmo que temporariamente, em *terra alheia*.

O que os move de um lado a outro do planeta resulta da busca por algo que ainda não é possível obter em seus lugares de origem em razão dos processos recentes de construção das novas nações africanas, até pouco tempo assoladas por guerras e lutas. O que buscam todos é o acesso à educação. A trajetória nômade-estudantil, de imigração temporária, de imigração provocada, de exílio circunstancial e outras tantas designações referenciadas por estudiosos a dizer de homens e mulheres traduzidos, de indivíduos transculturais, imigrantes temporários e outros tantos termos cujo uso suscita indignação a estudiosos mais tradicionais revela que há algo de novo posto em movimento por esses sujeitos que atravessam fronteiras e desterritorializam-se numa vida aparentemente sem destino claro, mas cujo ir e vir no mundo globalizado constitui uma realidade, cada vez mais visível, mas nem sempre reconhecida. Os Estado-nações envolvidos, os órgãos públicos responsáveis, as instituições de ensino superior que, por força dos acordos, se abrem para recebê-los, todos partilham em alguma medida de uma situação comum: o pouco ou quase nenhum conhecimento sobre quem são esses jovens, o que pensam, como vivem, quais seus desejos, quais os impasses de se estar onde “Não é necessário acostumar-se, pois não se é daqui. Apenas está aqui” (DANTAS, 2002, p. 113).

O *estar aqui* se prolonga entre a graduação, a pós, o mestrado e o doutorado, podendo envolver ainda o pós-doutorado. Por vezes, inclui o constituir família, colocar-se profissionalmente no mercado de trabalho e, assim, adiar a volta ao solo pátrio, *para um dia...*, sempre no horizonte, já que todos afirmam seu desejo de voltar. O que significa, em contrapartida, que fixar-se, criar raízes pelo casamento, com filhos que aqui nascem e pela inserção profissional, não resulta, necessariamente, na certeza de aqui estar para sempre. Como diria Sayad (1998), com relação ao imigrante comum em terras alheias, ainda na condição de estudante, tais sujeitos reproduzem a precariedade do *estar numa vida sempre provisória*. É o provisório de suas vidas que dizem do modo de estar e de perceber a sociedade que os acolhe. Diz também da natureza da acolhida que esta sociedade, no caso, a brasileira,

disponibiliza para o chamado *outro* e, em particular, o *outro* e *negro*, o *outro* e *estrangeiro*.

Ser e estar na terra do Outro

O título inspirado de um trabalho que um estudante africano (GOMES, 2002) realizou na universidade que o acolheu dá o tom do que aqui se discute: a experiência de ser universitário no Brasil – “*Na Terra dos Outros*” –, tendo como alvo a vivência particular no partilhar do espaço universitário, do espaço urbano das cidades em que, como estudantes, se estabelecem. Como diz Pedro (2000),

estudantes africanos são, por um lado, aceitos pela população por serem considerados intelectuais universitários, munidos de uma condição financeira estável e estrangeiros (os estrangeiros são geralmente bem vistos); e, por outro lado, são expostos a toda discriminação racial e social, quando confundidos com afro-brasileiros (p. 15).

Aceitar o sujeito *outro* porque estrangeiro, e, ao mesmo tempo, negá-lo porque negro implica no reconhecer da presença desse estudante que vem de outras terras mas também evidencia o significado da *raça* na realidade brasileira, visto pela cor de sua pele e pelas relações que estabelece com o chamado *outro*, brasileiro ou estrangeiro, porém, negro. Tais relações invisibilizam-nos no espaço universitário, no trato por parte dos órgãos gestores da universidade, em suas estatísticas e assistência, e, também, invisibilizam-nos para o alunado que com eles partilham a sala de aula e demais espaços e que desconhecem quem são, sobretudo, por vê-los como *os africanos*, categoria genérica e desprovida de especificidade, a não ser a que se refere a um lugar distante, desconhecido e indistinto: *a África*.

No caso dos brasileiros, são todos genericamente *africanos*, porém, a vida em diáspora fará com que os estudantes de origem africana, eles próprios, que em África não se pensavam como tal, assumam a designação *africano*, de modo a constituir uma identidade própria, capaz de unir o diverso que representam e estabelecer a solidariedade possível entre diferentes que, em terras brasileiras, são feitos iguais. Subvertem-se com isso os sentidos que lhe são atribuídos pelos brasileiros e estabelecem-se redes de entre-ajuda, de

colaboração e apoio entre sujeitos que, de outro modo, não se uniriam como parte da coletividade de estudantes africanos no Brasil, nesta ou naquela cidade. Isso não quer dizer que as diferenças de nacionalidade, de etnia, de crença religiosa, de opção partidária e outras gestadas no mundo africano, se esvaíam em definitivo. Pelo contrário, os próprios sujeitos ao falarem da vida que se vive na terra brasileira, de como se unem e de como se distanciam nas singularidades de suas histórias pessoais e coletivas, nas histórias das muitas Áfricas que o brasileiro desconhece revelam os pontos que marcam os modos de se ser e se estar no Brasil.

Muitas vezes, antes de aqui estarem, tais sujeitos já transitaram por outros países e realidades e delas também trazem outras marcas que dificultam saber o que *de fato* são e o que pensam de si mesmos. Para o caso dos estudantes africanos de Santa Catarina, como relata Pedro, as falas, “muitas vezes contraditórias”, levam-nos a se afirmar “ora africanos, ora angolanos e ora se pensam cubanos; que são vistos ora como afro-brasileiros, ora como negros, ora como negros esquisitos” (2000, p. 16).

Presença e invisibilidade, portanto, constituem-se como faces de uma mesma realidade que tem por contexto o estar *fora de lugar*, ser africano, ser negro e viver a diáspora “na terra dos outros”. Revela o estar fora de lugar, temporária ou definitivamente, e ansiar pelo regresso ao lugar de origem, mas já não ter muito claro a que lugar pertence. Haveria um lugar de pertença? O que dizer quando seguem em férias ou em visita à casa dos pais e parentes e estes estranham seus modos, sotaques e atitudes?

Por seus novos modos, pela forma de vestir-se, comportar-se, ele próprio já não mais se reconhece plenamente no grupo de origem. Estranham-se naquele mundo e são, também, estranhados pelos que ficaram naquele mundo. Vêem-se a si mesmos como sujeitos modernos, globalizados e portadores de perspectivas e valores de uma outra ordem que se contrapõem aos valores e costumes próprios dos contextos mais tradicionais. Percebem que já não são mais inteiramente dali, mas também sabem que não são das terras onde estão, em busca de novos rumos por meio dos estudos e de qualificação profissional. Nestas, são, sobretudo, estrangeiros e depois, *africanos* e negros. Na África, o que são: angolanos, moçambicanos, caboverdianos, guineenses, são-tomenses. São balantas, fulas, papel, quimbundos, ovibundos, crioulos, mestiços sem referência étnica e, assim por diante.

No emaranhado da visibilidade/invisibilidade, da presença e da não-presença, resultantes da condição diaspórica que os coloca *fora de lugar* para, contraditoriamente, qualificarem-se a fim de contribuir na construção *do lugar* de suas nações emergentes, do novo Estado-nação que deles necessita comprometidos, como futuros quadros dirigentes e gestores, são eles o *homem-novo*, mas qual *homem-novo*? O que ambicionaram seus pais e parentes na ótica da libertação movida pelo ideário socialista e que norteou a busca pela educação fora da África, logo após as independências? Um *homem-novo*, transnacionalizado e idealizado pelo capitalismo africano que agora, nomeadamente, constitui o ideário dos Palop e, talvez, seu próprio ideário pessoal? Que *homem-novo* se é ou se pretende ser?

O que se sabe é que “a imigração desses estudantes faz parte de um projeto nacional de desenvolvimento” (PEDRO, 2000, p. 19) em seus respectivos países de origem. O que aprendem e o que esquecem ao permanecer longo tempo *fora de lugar* é hoje o desafio para as autoridades dos países de origem e o é, também, para familiares, parentes e amigos que, muitas vezes, sacrificaram-se para lhes dar o apoio de ir à busca de seus estudos e, assim, quando formados retornarem aos seus e à nação de origem. Quantos voltam? Não se sabe ao certo. Sabe-se que muitos não voltam. Diante disso, como vivem a experiência de *estar fora de lugar* e qual o significado disso para suas vidas?

Estudantes africanos no Brasil

De norte ao sul do país é possível constatar a presença de estudantes de origem africana, que chegam para fazer a graduação e/ou a pós-graduação em universidades públicas e privadas. Muitos chegam através do Programa do PEC-G/PEC-PG do governo brasileiro efetivado através de acordos bilaterais e regras específicas de seleção e ordenamento do *estar* em terra estrangeira. Outros chegam através de convênios de seus países com empresas multinacionais ou, ainda, com apoio de alguma instituição religiosa. Alguns contam com bolsas de estudo do governo brasileiro, outros com bolsas de seus próprios governos e, por vezes, contam com o apoio financeiro da família ou de membros da família que estão em África. Em acordo com cada um desses contextos enfrentam maiores ou menores

dificuldades para se estabelecerem e viverem longe dos seus, na relação com os nacionais e, ainda com outros africanos.

Distribuídos em pequenos contingentes de norte ao sul do país, não se identificam por esta ou aquela nacionalidade, por este ou aquele grupo étnico como acontece na África. Também não dizem de sua condição de origem que pode ser a filiação a um segmento privilegiado da sociedade de origem, tais como funcionários públicos, militares de patente, membros dirigentes de partidos políticos, ou ainda, pequenos comerciantes e famílias de origem camponesa e operária.

Entre os brasileiros paira uma ideia de que sejam filhos de reis africanos, eles próprios príncipes ou princesas, implicando certo sentimento de admiração ou de folclorização. Com isso, os problemas que sofrem para se manterem no cotidiano nem sempre são percebidos pelos colegas brasileiros com os quais estudam. Assim, desamparados muitas vezes, afirmam que “não rendemos nos estudos como queríamos, pois passamos fome, tem dias que não comemos nada. Uns têm coragem de pedir, outros não” (PEDRO, 2000, p. 33). Nessa *pressão psicológica*, ocorrem casos de *stress*, depressão e mesmo distúrbios mentais.

No caso de Santa Catarina e segundo o ESAI (Escritório de Assuntos Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina), “a maioria dos estudantes com problemas financeiros destacam-se academicamente e são os que mais se integram com a população local ou de acolhimento” (PEDRO, 2000, p. 33).

Para casos como esses, tem-se a solidariedade entre africanos, de africanos e brasileiros ou de brasileiros para com africanos. No entanto, é bom não se enganar: as relações entre povos africanos e povo brasileiro, apesar das similitudes culturais e históricas, não constituem relações entre países irmãos como muitas obras, mesmo de estudantes africanos, sugerem. Do mesmo modo a união entre africanos em solo brasileiro não é tão fraternal, como se imagina.

Viver em Coletividade

A imensa diversidade de modos de ser, estar e viver no Brasil faz-se presente nos grandes núcleos urbanos, como São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro ou Fortaleza, exigindo ter-se em tela não só a diversidade de

nacionalidades, mas também de culturas e etnias. A distribuição espacial, a conformação heterogênea de grupos, com forte sentido de localidade, a ajuda mútua e, ainda, fatores relativos à forma de moradia, à condição familiar, econômica e de gênero, dentre muitas outras, atuam analogamente às partes de um leque de alternativas complexas e ricas.

Fundamentalmente, quer se fale de *imigrantes de fato* ou de *imigrantes temporários* na condição de estudantes (secundários e universitários), não se pode pensá-los como sujeitos de uma realidade homogênea ou de uma comunidade de iguais. Trata-se de grupos que conformam *coletividades*, no sentido, adaptado de Baugartem (2004), ou seja, de um grupamento de indivíduos com a mesma procedência, já que nascidos em África, porém, de diversos contextos nacionais, étnicos e tribais. Indivíduos que, nos diferentes espaços urbanos, num contexto de imigração, por vezes de refúgio, constituem um lócus de interação e inter-relações, não isentas de concorrência e de conflitos. Encontram-se voltados para a produção da vida pessoal e coletiva mediante uma complexa rede de operações, decisões e negociações que ordenam representações sociais, alimentadas por um *ser de lá* (África) *estar aqui* (Brasil). O modo como expressa e vive o *ser de lá* e *estar aqui* resulta das condições concretas com que se defrontam para construir suas vidas no interior da coletividade de estudantes africanos e em relação à sociedade brasileira, sociedade de acolhimento. Nesse contexto destacam-se alguns aspectos:

a) Sociabilidade e diferença

Muitas são as formas de lazer que se estruturam no interior da coletividade: jogos de futebol envolvendo equipes de países africanos, de *africanos* versus equipes nacionais ou *do resto do mundo*, como ocorre na Moradia Estudantil da UNICAMP, em Campinas; ou ainda, encontros, palestras, festas de confraternização em datas especiais, como casamento, aniversário ou mesmo sem nenhuma razão especial. Como diz uma entrevistada: “para nós africanos, tudo é motivo de festa” (GOMES, 2002, p.133)

Pedro (2000) afirma que as festas “são o pivô de articulação dos diferentes grupos dentro do processo de integração” (p. 83). No entanto, as festas também revelam as razões pelas quais não se configura entre estudantes, uma *comunidade africana*, ainda que assim se refiram a si mesmos,

principalmente, quando buscam afirmar *quem são* perante os brasileiros. Nesse sentido, a melhor forma de explicitar as diferenças no interior do grupo é, principalmente, a observação cuidadosa de suas festas. Como diz Gomes (2002), as festas ultrapassam o que é observável a olho nu e

pode-se dizer que esse é um espaço que permite que essas pessoas revivam um pouco de suas culturas de origem, sem a preocupação de que poderão ver examinados seus modos de ser, atos ou comportamentos, a não ser pelos seus pares, o que é menos preocupante, pois nessas festas eles são os anfitriões e os **outros** (negrito do autor) ocupam o lugar de visitantes (p. 132).

A função social da festa está em *matar a saudades* dos países de origem, mas não só. Nas festas que organizam, além de reverem amigos, estreitam laços de amizades, podem usar suas roupas típicas sem receio de se destacarem dos demais e ser alvo de observações constrangedoras, de reprovação, de estranhamento e exotismo. Por sua vez, constituem momentos fundamentais de afirmação identitária e coletiva enquanto *comunidade africana* como se referem ao coletivo de estudantes. Segundo Mourão (2003), as festas acionam uma imagem de *comunhão* em que se dá o “fortalecimento dos laços entre os continentalmente iguais” (GOMES, 2002, p. 130). No entanto, Mourão observa que a não-participação de uma pessoa ou grupo de africanos gera “graves conflitos entre eles”, pois o fato é entendido como recusa a compartilhar “dos mesmos ideais de nação, liberdade e de *comunidade*” (p. 78). As festas são assim um sinal de prestígio para quem as organiza, mas também serve de controle no interior do grupo, definindo quem comunga com a coletividade e quem não o faz. Significativamente, as festas maiores e mais concorridas são aquelas em que se celebra a independência de algum país africano, na qual todas as nacionalidades se fazem presentes; as festas acontecem, também, em outras datas significativas do mundo africano como a data de fundação da OUA – Organização da Unidade Africana – em 25 de maio, intensamente comemorada entre estudantes de Belo Horizonte, por exemplo.

As festas são sempre acompanhadas de muita música, tanto do país de origem como de músicas nacionais e internacionais, há muita animação e alegria. Ao ritmo do som da música africana de origem, embalada pelo batuque, danças típicas são apresentadas. As pessoas estão sempre bem

vestidas, principalmente as mulheres, com seus penteados diferentes, com muitas formas e cores. Além disso, é percebido que os africanos fazem questão de se apresentar bem na sociedade e com muito orgulho próprio. Não faltam as camisetas coloridas, ou as camisas com a estampa do país de origem. Também é freqüente nestas festas a comida típica do país que promove o evento, são pratos variados, muito gostosos e com sabor forte, uns acrescidos de muita pimenta e outros, como o arroz com cuscuz marroquim para acompanhar, como no caso da festa dos são-tomenses, em Porto Alegre.

Nas festas se fazem presentes além dos africanos de várias origens e em maioria, alguns brasileiros de origem afro, por vezes, estudantes e servidores da universidade, um ou outro professor, mas se trata sempre de *feira africana* como afirmação da diferença para a população local de onde estudam. Em Florianópolis, ocorrem também festas *Afro-latinas* que reúnem alunos latinos (sul-americanos) como organizadores ou convidados (PEDRO, 2000).

O que chama atenção nestes eventos é a divisão de grupos de estudantes de etnias diferentes. Ou seja, a atenção inicial dada a toda alegria da festa parece ser desviada ao se olhar de perto e notar que os grupos não confraternizam de maneira absoluta entre si, pois alguns ficam divididos entre os seus próprios conterrâneos, “um grupo ali de caboverdianos sentados em uma mesa, outro lá de moçambicanos etc.”, ainda que todos se conheçam, uns mais que outros e, assim, ligam-se à rede de relações entre eles. Nem sempre há interesse claro em conhecer uns aos outros dentre os estudantes estrangeiros. A situação é a mesma em relação aos brasileiros e vice-versa. Uma hipótese para essa divisão parece resultar da forma como esses estudantes se inserem na realidade brasileira. Quando chegam ao Brasil, normalmente, dividem apartamentos com os próprios conterrâneos, pois são esses que os recebem no aeroporto. Resulta também da crença em superioridade desta ou daquela cultura, deste ou daquele grupo étnico, gerando, entre eles, como diz Pedro (2000), “brigas morais e isolamento” (p. 81). No entanto, ao mesmo tempo em que a divisão parece enfraquecer o coletivo, ela revela uma força no sentido de fazer com que as pessoas *se sintam mais em casa*. É nesse sentido que as festas podem representar apenas um momento em que o dia a dia cansativo e solitário desaparece, e os estudantes se encontram com os conterrâneos para se *sentir em casa*, com os amigos, as músicas, as danças e muitos pratos típicos. Portanto, se por um

lado a divisão por países traz à tona as diferenças culturais entre os grupos de cada país, por outro lado, a mesma divisão fortalece os laços territoriais entre os componentes de um mesmo grupo. E se, para um filho(a) longe de casa, a dor da saudade é imensa, construir uma família de amigos longe de casa é um grande ganho. Embora esse ganho se dê em detrimento do afastamento dos verdadeiros familiares, que aguardam sua volta no país de origem.

b) Ser negro e diferente

O universo de preconceito, discriminação e racismo atinge a todos no Brasil e faz eco nas vozes dos estudantes de Belo Horizonte, de Fortaleza, ou ainda de Florianópolis e Porto Alegre. Diz um jovem de 20 anos: "ser negro no Brasil é muito difícil, só pelo fato de ter uma pele negra, as coisas da vida se tornam complicadas" (GUSMÃO, 2006).

O mundo social e educacional aparece como que limitados pelo racismo *camuflado* da sociedade brasileira e se acirra no contexto de cidades grandes como no caso de São Paulo, Minas Gerais, Ceará ou Rio Grande do Sul. Com isso, os estudantes apontam para situações complexas de racismo, isto é, em que existe não somente o preconceito entre branco e negro, negro brasileiro em relação a negro africano, mas também o oposto. Alguns estudantes falam que mesmo no próprio grupo há amigos africanos que fazem brincadeiras dizendo que: "Os africanos são a elite da raça negra, pois são negros puros (da África)", nesse sentido, esses estudantes também criam formas de distinção em relação ao negro brasileiro. O fato é que todos esses estudantes de diferentes origens e condição socioeconômica, em algum momento, sofrem ou sofreram algum tipo de preconceito, após chegar ao Brasil.

Há uma dificuldade de relacionamento com os brasileiros, que muitas vezes não dão atenção aos colegas africanos. Nesse sentido, os africanos preferem conviver com seus conterrâneos. Mas não somente, existe mais solidariedade com os grupos de estudantes estrangeiros de outros países, ou até brasileiros vindos de outras cidades, pois que estes também se sentem *estrangeiros* e solitários em sua vivência universitária.

O preconceito e o racismo aparecem também na forma pela quais os brasileiros perguntam pelo mundo africano, muitas vezes visto com ignorância e desconhecimento. Estudantes de Campinas, Belo Horizonte e

de Fortaleza são pródigos em relatar o teor das perguntas que lhes são feitas, muitas das quais já não aceitam mais esclarecer.

“Você vem da África? Mas lá falam português?”; “Lá vocês têm carro, luz elétrica?”; “Como você chegou aqui? De navio?”. Porque muitos assim, muitos amigos meus pensam assim: “puxa... lá em Angola ceis vivem em tribos, não sei o quê tal e tal”. A gente fala não, a gente fala não, nós temos o nosso dia a dia. É vivenciamos como aqui, né? Lá existe também prédios, lá também dançamos, nos lá também bebemos. A vida lá é praticamente igual aqui, mas o brasileiro tem uma outra visão de como é a África. É essa a imagem que é passada, essa é a imagem que é passada, né? O pessoal nem tem uma outra imagem que caracterize realmente o mundo atual, digamos (GUSMÃO, 2006, p. 54).

O estranhamento diante do *outro* é uma constante e revela concepções naturalizadas, folclorizadas em meio a um imaginário que, socialmente construído, revela o lugar da África e dos africanos para os brasileiros. Diante desse imaginário nunca se pergunta o que estudam mas se, por serem diferentes, jogam futebol ou são cantores de pagode (GUSMÃO, 2006). Por outro lado, o estudante africano, raramente se vê como estrangeiro. Muitos se dizem “*passageiro*”, pois estão “*de passagem*” no Brasil. Há, entre eles, o desejo de voltar para casa, o que faz da vivência no Brasil algo momentâneo, só lhe interessando a formação para a carreira profissional, que lhe dará *status* no seu país de origem.

(In) Conclusão

Apesar da possibilidade de ser valorizado como estrangeiro, o sujeito negro e africano sofre outros processos, nos quais à questão da origem e da cor da pele juntam-se outros aspectos como elementos-suportes de ações racistas e discriminatórias. Por tudo isso, ser negro e estrangeiro, como diz Gomes (2002), só potencializa o preconceito e a discriminação. Por parte dos brasileiros, a discriminação coloca-se não apenas com relação à origem e a cor, mas em razão de serem, os estudantes africanos, sujeitos de benefícios propostos pelos acordos bilaterais de seus países com o Brasil, o que lhes facilita o acesso à educação, nomeadamente de nível superior. Para muitos

brasileiros, tal fato soa como privilégio e ofensa, já que para os nacionais o ingresso em uma universidade exige superar barreiras nem sempre em condições de serem transpostas pelos nacionais.

Pode-se afirmar que inexistente uma *ligação natural*, um sentimento de *pertencer* a um local ou localidade que seja próprio da natureza humana e, neste sentido, o imigrante, estudante ou não, porém, *africano*, designação genérica e sem conteúdo próprio, e sua realidade na “*Terra do Outro*”, resultam de processos de construção social que se realiza em razão dos contextos particulares. Como diz Geertz (1978), o que o homem é depende de onde ele está e com quem, depende de quem é e no que acredita ser inseparável dele (p. 47). Nesta medida depende da sua relação com outros homens; da posição que ocupa; da história que partilha em comum; depende do espaço em que está e vive. É desde esse conjunto de fatos que emite sua fala e compreensão de mundo. Sua fala supõe, portanto, a presença do *outro* – pessoa, coletividade, instituição. É em busca de conhecer esta tríade que se propôs aqui ouvir diferentes vozes, emitidas de diversos lugares para com isso, estabelecer e aprofundar fatos, sujeitos e realidades *em presença*. Para, sobretudo, demarcar identidades próprias e processos singulares no mundo contemporâneo. O clima no interior da sociedade brasileira parece ser o da tensão permanente que, como um vulcão inativo, está sempre a lembrar a fragilidade das relações entre os homens. O fato coloca em jogo as possibilidades de uma sociedade como a brasileira, de ser democrática e plural.

Referências

- BAUNGARTEN, M. Comunidades ou coletividades? O fazer científico na era da informação. Política e Sociedade. *Revista de Sociologia Política*. Programa de Pós Graduação em Sociologia Política, UFSC. Florianópolis, Cidade Futura, nº 4, abril de 2004, p. 97-136.
- DANTAS, I. L. *Entre o projeto de vida e o projeto cultural: o lugar do estudante angolano*. Dissertação de mestrado. Departamento de História, PUC- RJ. Rio de Janeiro, 2002.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- GOMES, J. M. S. *Estudantes na terra dos outros*. A experiência dos universitários angolanos da Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. 2002.

Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação/UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais.

GUSMÃO, N. M. M., Trajetos identitários e negritude: jovens africanos no Brasil e em Portugal. *IMPULSO*. Piracicaba, v. 17, n. 43, p. 45- 57, maio/ago.2006.

MOURÃO, D. E. *Identidades em Trânsito*. Um estudo sobre o cotidiano de estudantes guineenses e cabo-verdianos em Fortaleza. 2003. Monografia de Graduação em Ciências Sociais. FCS/ UFC – Fortaleza, Ceará.

PEDRO, V. T. *Identidades traduzidas num mundo globalizado*: os estudantes “africanos” em Florianópolis. Dissertação de mestrado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2000.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

Notas

* Artigo submetido à avaliação em 25 de fevereiro de 2011 e aprovado para publicação em 27 de março de 2011.

¹ Os PALOP são formados pelos seguintes países africanos: Angola; Cabo Verde; Guiné Bissau; Moçambique; São Tomé e Príncipe.

² O *estudante convênio* é um aluno especial selecionado em seu país pelos mecanismos previstos no Protocolo do PEC-G e PEC-PG - Programa de Estudante Convênio de Graduação e de Pós-Graduação - visando à formação de quadros nos países desenvolvidos e ou em desenvolvimento, signatários dos Acordos de Cooperação (Ver: PEDRO, Verônica Tchivela, 2000).